

**A MUSA
DOS
PESADELOS**

Muse of nightmares

Copyright © 2018 by Laini Taylor

Cover art by Maggie Edkins. Bird shape © Aleksandr

Sulga/Shutterstock.com; Bird wing texture ©

sangsiripech/Shutterstock.com. Metal texture ©

Abstractor/Shutterstock.com. Cover design by Karina Granda.

Cover copyright © 2018 by Hachette Book Group, Inc.

Copyright © 2020 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial: Luis Matos

Gerente editorial: Marcia Batista

Assistentes editoriais: Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Tradução: Raquel Nakasone

Preparação: Aline Graça

Revisão: Luisa Tieppo

Arte e adaptação de capa: Valdinei Gomes

Diagramação: Sandra Scapin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T241m

Taylor, Laini

A musa dos pesadelos / Laini Taylor ; tradução de Raquel Nakasone. -- São Paulo : Universo dos Livros, 2020.

ISBN 978-65-5609-025-5

Título original: *Muse of nightmares*

1. Ficção norte-americana 2. Aventura e aventureiros - Ficção
3. Magia - Ficção I. Título II. Nakasone, Raquel

20-2179

CDD 813.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 – 8º andar – Conj. 803

CEP 01141-030 – Barra Funda – São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)

Para a minha mãe

The image shows a decorative rectangular frame containing 14 vertical, rounded rectangular panels, each containing handwritten text in a South Indian script. A small white paper note is attached to the bottom left corner of the frame.

The text in the panels, from left to right, is as follows:

- Panel 1: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 2: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 3: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 4: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 5: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 6: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 7: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 8: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 9: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 10: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 11: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 12: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 13: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
- Panel 14: ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ

The small white paper note at the bottom left contains the following handwritten text:

ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
 ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
 ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ
 ॐ ॐ ॐ ॐ ॐ

PARTE I

elilith (el.LIL.lith) *substantivo*

Tatuagens dadas às garotas de Lamento, em volta de seus umbigos, ao se tornarem mulheres.

Arcaico; da raiz eles (próprio) + lilithai (destino), significando o período em que uma mulher se apodera de seu destino, e determina o curso de sua própria vida.

1

COMO JOIAS, COMO DESAFIOS

Kora e Nova nunca tinham visto um Mesarthim, mas sabiam tudo sobre eles. Todos sabiam. Sabiam sobre suas peles: “Azuis como safiras”, disse Nova, ainda que tampouco tivesse visto uma safira. “Azuis como icebergs”, afirmou Kora. Esses elas viam o tempo todo. Sabiam que Mesarthim significava “servo”, embora não fossem servos comuns. Eram soldados-feiticeiros do império. Podiam voar, cuspir fogo, ler mentes, se transformar em sombras. Eles iam e vinham cortando o céu. Podiam curar, se metamorfosear e desaparecer. Possuíam dons de guerra, uma força inacreditável e podiam dizer como você morreria. Não todas essas coisas juntas, é claro, mas um dom cada, apenas um, e não podiam escolher qual. Os dons estavam dentro deles, assim como em todos, esperando – tal qual uma brasa esperando pelo ar – quem teria tanta sorte, seria tão abençoado, de ser o escolhido.

Como a mãe de Kora e Nova, que foi escolhida, dezesseis anos atrás, no dia em que os Mesarthim estiveram em Rieva pela última vez.

As garotas eram bebês, então não se lembravam dos servos de pele azul e da nave planadora de metal, assim como também não se lembravam de sua mãe, que foi levada e transformada em um deles, e nunca mais voltou.

Ela costumava enviar cartas de Aqa, a cidade imperial, descrevendo que as pessoas não eram somente brancas ou azuis, mas de todas as cores, e que o palácio de metal divino flutuava no ar, sempre se movendo. A última carta, recebida oito anos atrás, dizia: *Minhas queridas, estou indo para Fora. Não sei quando vou voltar, mas vocês certamente já serão mulheres adultas. Cuidem uma da outra por mim, e lembrem-se sempre, não importa o que digam: eu teria escolhido vocês, se eles tivessem me deixado escolher.*

Eu teria escolhido vocês.

Durante o inverno de Rieva, elas esquentavam pedras achatadas no fogo para enfiá-las dentro dos cobertores de noite, só que esfriavam rápido e iam parar embaixo das costelas de manhã. Bem, essas quatro palavras eram como pedras quentes que nunca perdiam o calor ou queimavam a pele, e Kora e Nova sempre as carregavam consigo. Ou talvez as vestissem, como joias. Como um desafio. *Alguém nos ama*, seus rostos diziam quando olhavam para Skoyë ou quando se recusavam a se encolher diante de seu pai. Não era muito, apenas palavras no lugar de uma mãe – e agora era apenas uma memória, já que Skoyë jogara a carta no fogo “por acidente” –, mas elas ao menos estavam juntas. Kora e Nova: companheiras, aliadas. Irmãs. Elas eram indivisíveis, como os versos de um poema, que perderia o significado fora de contexto. Seus nomes bem que poderiam ser apenas um – Koraenova –, tão raras eram as vezes que eram pronunciados separadamente, e quando eram, soavam incompletos, como uma concha de mexilhão, aberta e dividida em dois. Elas eram a pessoa favorita

uma da outra. O lugar favorito. Não precisavam de magia para ler os pensamentos, os olhares já bastavam, e suas esperanças eram gêmeas, mesmo que as garotas não fossem gêmeas. Estavam sempre lado a lado, encarando juntas o futuro. O que quer que a vida as impusesse, ou até se falhassem, elas tinham uma a outra.

Então os Mesarthim voltaram.



Nova foi a primeira a ver. Ela estava na praia, endireitando-se e afastando o cabelo dos olhos com o antebraço, pois segurava um arpão em uma mão e uma faca na outra. Seus dedos se apertavam feito garras em volta das armas, e ela sangrava até os cotovelos. Sentiu a resistência do sangue meio seco e pegajoso ao levar o braço à sobancelha. Então algo cintilou no céu, e ela ergueu a cabeça para ver o que era.

– Kora – disse.

Kora não ouviu. Seu rosto, também manchado de sangue, estava pálido, entorpecido pelo esforço. Sua faca trabalhava sem cessar, mas seus olhos estavam vazios, como se ela estivesse com a cabeça em um lugar melhor, sem ser requisitada para essa tarefa macabra. Uma carcaça de uul, meio esfolada, jazia entre elas. A praia estava repleta de dezenas de carcaças e figuras encurvadas como a delas. Sangue e gordura coagulavam na areia. Cyrs rodopiavam, lutando pelas vísceras, e as águas ferviam de agulhões e tubarões atraídos pelo cheiro agri-doce. Era o Abate, o pior período do ano em Rieva – para mulheres e meninas, ao menos. Mas os homens e meninos apreciavam. Eles não empunhavam arpões e facas, mas lanças. Matavam e esquartejavam as presas para fazer troféus, e deixavam todo o resto ali. As mulheres eram as carniceiras, mesmo que esse

trabalho exigisse mais músculo e mais resistência do que matar. “Nossas mulheres são fortes”, os homens gabavam-se no pontal, longe do fedor e das moscas. E elas eram fortes – e estavam exaustas e assustadoras, tremendo por conta do esforço, cobertas do fluido vil que vazava das coisas mortas. Foi quando o brilho chamou a atenção de Nova.

– Kora – ela disse de novo, e dessa vez sua irmã olhou para cima, seguindo seu olhar.

E foi como se, mesmo que Nova soubesse o que era, só conseguisse processar depois que Kora também entendesse. Assim que os olhos de sua irmã viram, o choque as sobrepujou.

Era uma nave.

E nave significava Mesarthim.

E Mesarthim significava...

Libertação. Libertação do gelo, dos uuls e do trabalho duro. Da tirania de Skoyë e da apatia de seu pai, e mais recentemente – mais importante –, dos homens. No último ano, os aldeões haviam começado a encará-las quando elas passavam, olhando de Kora para Nova e de Nova para Kora como se estivessem escolhendo a galinha que iriam comer. Kora tinha dezessete anos, Nova, dezesseis. O pai podia casá-las quando bem entendesse. O único motivo para não ter feito isso ainda era porque Skoyë, a madrasta, estava relutante em perder seu par de escravas. Elas faziam quase todo o trabalho e cuidavam da trupe de meios-irmãos. No entanto, Skoyë não poderia mantê-las ali para sempre. As meninas eram presentes a serem oferecidos, e não guardados – na verdade, era mais como gado a ser vendido, como qualquer pai de filhas desejáveis em Rieva sabia. E Kora e Nova eram muito bonitas, com os cabelos loiros e os olhos castanhos e brilhantes. Tinham pulsos delicados que mascaravam sua força e, embora suas silhuetas se

escondessem sob camadas de lã e pele de uul, os quadris eram difíceis de disfarçar. Tinham curvas que mantinham os cobertores aquecidos, e eram conhecidas por serem muito trabalhadoras. Não duraria muito. No Inverno Profundo, certamente, quando o sombrio mês caísse, elas se tornariam esposas e morariam com quem fizesse a melhor oferta, e não mais juntas.

E não era só por conta da separação ou porque não desejavam ser esposas. O pior de tudo era a perda da mentira.

Que mentira?

Esta não é a nossa vida.

Isso era o que diziam uma à outra, com ou sem palavras, desde que se lembravam. Elas tinham um jeito de se olhar, uma intensidade obstinada, que era tão eficaz quanto falar em voz alta. Quando as coisas ficavam insuportáveis – no meio do Abate, carcaça após carcaça, ou quando Skoyë batia nelas, ou quando a comida acabava antes do inverno –, elas mantinham a mentira acesa. *Esta não é a nossa vida. Lembre-se. Não pertencemos a este lugar. Os Mesarthim vão voltar e nos escolher. Esta não é a nossa vida de verdade.* Por piores que as coisas ficassem, elas tinham isso para se agarrar. Se fosse uma, em vez de duas garotas, a chama teria se apagado há muito tempo, como uma vela com apenas uma mão para segurá-la. Mas eram duas mantendo a mentira acesa, vendo-a refletida no rosto uma da outra, emprestando fé uma para a outra; nunca estavam sozinhas nem derrotadas.

De noite, cochichavam sobre quais dons teriam. Elas seriam poderosas como a mãe, tinham *certeza*. Tinham nascido para serem soldadas--feiticeiras, não noivas-criadas ou filhas-escravas, e seriam levadas a Aqa para treinar e vestir o metal divino e, quando chegasse a hora, também seriam enviadas para Fora – cortando o céu, heroínas do império, azuis como safiras e geleiras e bonitas

como estrelas.

Mas os anos se passaram e nenhum Mesarthim veio, e a mentira se esvaía, de modo que, ao se fitarem buscando fé, encontravam medo. *E se esta for a nossa vida mesmo?*

Todos os anos, na véspera do Inverno Profundo, Kora e Nova escalavam a trilha da montanha de gelo para assistir à breve aparição do sol, sabendo que não o veriam por um mês. Bem, perder sua mentira era como perder o sol – não por um mês, mas para sempre.

Assim, a visão daquela nave... era como o retorno da luz.

Nova soltou um grito. Kora riu – com alegria e entrega e... acusação.

– Hoje? – perguntou à nave no céu. O luminoso e vacilante som de sua risada ecoou pela praia. – *Sério?*

– Você não podia ter vindo na semana passada? – reclamou Nova, com a cabeça para trás. Sua voz continha a mesma alegria e entrega, a mesma aspereza de sua irmã. Estavam cobertas de suor, revestidas de sangue, os olhos vermelhos por conta das tripas e dos gases, e os Mesarthim vinham *agora*? Ao longo da praia, entre cascas úmidas e ocas de bestas abatidas e nuvens de moscas zunindo, as outras mulheres também ergueram o olhar. As facas ficaram imóveis. O espanto se espalhou pelo abatedouro entorpecido quando a nave se aproximou. Era feita de metal divino, azul vivo e espelho reluzente, capturando o sol e irradiando seu calor cintilante.

As naves dos Mesarthim eram moldadas pelas mentes de seus capitães, e esta parecia uma vespa. As asas eram lustrosas como lâminas e a cabeça era cônica e ovalada, com duas grandes esferas para os olhos. O corpo, semelhante a um inseto, era formado por um tórax e um abdômen unidos pela cintura. A nave tinha até um

ferrão. Ela sobrevoou a praia, em direção ao pontal, e desapareceu atrás da paliçada de pedra que protegia a aldeia do vento.

Os corações de Kora e Nova aceleraram. Estavam zonzas, tremendo de emoção, de nervoso, de respeito, de esperança e de vingança. Balançaram seus arpões e facas e os enfiaram no uul e, enquanto soltavam os dedos das hastes desgastadas das ferramentas, souberam que nunca mais voltariam para recuperá-los.

Esta não é a nossa vida.

– O que vocês duas pensam que estão fazendo? – Skoyë questionou, conforme as garotas tropeçavam em direção à costa.

Elas a ignoraram, caindo de joelhos nas águas gélidas para lavar as cabeças. A espuma do mar estava rosada, e manchas de gordura e cartilagem oscilavam nas ondas, mas ainda assim estava mais limpa do que elas. Esfregaram a pele e os cabelos, e a pele e os cabelos uma da outra, tomando cuidado para não ir para o fundo, onde os tubarões e os agulhões se debatiam.

– Vocês duas, voltem para o trabalho – Skoyë repreendeu. – Não deu a hora de parar.

Elas a encararam, incrédulas.

– Os Mesarthim estão aqui – disse Kora, com uma voz suave e maravilhada. – Vamos ser testadas.

– Não até terminarem aquele uul.

– Termine você – disse Nova. – Eles não precisam ver você. – A expressão de Skoyë se congelou. Não estava acostumada a ser retrucada, mas o problema não era a réplica. Ela entendeu o tom de Nova. De desprezo. Skoyë havia sido testada dezesseis anos antes, e elas sabiam qual era o seu dom. Todos em Rieva haviam sido testados, exceto os bebês, e apenas uma fora Escolhida: Nyoka,

sua mãe. Nyoka possuía um dom chocante. *Literalmente* chocante. Podia enviar ondas de choque – para a terra e para o ar. Ela balançou a aldeia quando seu poder despertou e causou uma avalanche que bloqueou o caminho para as minas fechadas. O dom de Skoyë, tecnicamente, também era um dom de guerra, mas de magnitude tão baixa que o fazia uma piada. Ela era capaz de causar a sensação de ser picado por agulhas – pelo menos durante a breve duração do teste. Apenas os Escolhidos podiam ficar com seus dons e estritamente a serviço do império. Todos os outros tinham que voltar ao normal: inúteis. Sem poderes. Pálidos.

Irritada, Skoyë afastou a mão para dar um tapa em Nova, mas Kora segurou seu pulso. Ela não disse nada. Só balançou a cabeça. Skoyë soltou a mão, tão atordoada quanto enfurecida. As garotas sempre a enfureciam – não por serem desobedientes, mas por esse jeito de serem intocáveis, como se fossem *superiores*, observando o restante de algum lugar sublime a que eles não tinham direito.

– Você acha que eles vão te escolher só porque escolheram *ela*? – perguntou. A perfeita Nyoka. Skoyë queria cuspir. Não bastava Nyoka ter sido escolhida, arrancada desta ilhazinha rochosa, infernal e gélida, mas ela também permanecia ali, no coração do marido e nas fantasias de suas filhas, e nas memórias benevolentes de todos os outros. Nyoka conseguiu se libertar *e* se preservar nessa falsa perfeição de jovem mãe, para sempre linda, escolhida para um destino importante. Os lábios de Skoyë se curvaram com desdém. – Você se acha melhor que o restante de nós? Você acha que *ela* era melhor?

– *Sim* – Nova assobiou, respondendo a primeira pergunta. – *Sim* – assobiou para a segunda. – *E sim*. – Ela mostrou os dentes. Queria morder. Mas Kora segurou sua mão e a afastou, conduzindo-a para a trilha que serpenteava pela face rochosa. Elas não eram as únicas

que seguiam por ali. As outras mulheres e garotas também estavam voltando para a vila. Tinham visitas. Rieva estava no fundo do mundo – onde ficaria um ralo, se mundos tivessem ralos. Visitantes eram tão raros quanto borboletas em tempestades, e esses visitantes eram *Mesarthim*. Ninguém ia perder esse evento, nem se isso significasse largar os uuls na praia.

Ouvia-se conversas ansiosas, risadas abafadas e zumbidos de animação. Nenhuma delas se preocupou em se lavar. Não que Kora e Nova estivessem *limpas*, mas suas mãos e rostos haviam sido esfregados e estavam corados, e seus cabelos, úmidos e salgados, haviam sido colocados para trás. As outras estavam sujas, engorduradas e cobertas de sangue escuro, e algumas ainda seguravam seus arpões e facas.

Pareciam um enxame de assassinas emergindo da colmeia.

Elas foram até a aldeia. A nave-vespa estava na clareira. Os homens e meninos estavam reunidos em volta dela, e seus olhares ao verem as mulheres foi de aversão e vergonha.

– Peço desculpas pelo cheiro – disse o ancião da aldeia, Shergesh, a seus estimados visitantes.

Então, Kora e Nova viram os *Mesarthim* pela primeira vez – ou talvez fosse a segunda vez, já que eram bebês nos braços de Nyoka dezesseis anos atrás, quando sua mãe esteve onde elas estavam agora, antes de sua vida mudar para sempre.

Estavam em quatro: três homens e uma mulher, e eram realmente azuis como icebergs. Se havia alguma centelha de esperança de que Nyoka estivesse com o grupo, havia acabado de se apagar. Nyoka era loira como as filhas. Essa mulher tinha cabelos cacheados e pretos. Quanto aos homens, um era alto, de cabeça raspada, e o outro tinha um longo cabelo branco preso por cordas até a cintura. O último era um homem comum, tirando a

pele azul. Ou... deveria ter sido comum. Seu cabelo era castanho, e o rosto era claro. Ele não era alto nem baixo nem bonito nem feio, mas havia algo que o destacava de seus colegas. Sua postura aberta, o ângulo arrogante de seu queixo? Sem nenhum motivo evidente, Kora e Nova tiveram certeza de que ele era o capitão, o que havia moldado a forma de vespa ao metal divino e voado até ali. Ele era o ferreiro.

De todos os dons dos Mesarthim – e havia incontáveis, novas mutações o tempo todo com um índice cada vez maior de magias –, apenas um era o principal. Todas as pessoas nascidas no mundo de Mesaret possuíam uma capacidade adormecida que despertava com o toque do metal divino – o famoso e raro elemento azul, mesarthium. Mas, dentre milhões, apenas alguns possuíam a habilidade principal: manipular o metal divino. Esses poucos eram chamados de ferreiros, porque podiam moldar o mesarthium, assim como ferreiros comuns moldavam metais comuns, embora não usassem fogo, bigornas e martelos, mas suas mentes. Mesarthium era a substância mais rígida que existia. Era absolutamente imune a cortes, calor ou ácido. Não podia sofrer nem um arranhão sequer. Mas, para um ferreiro, era maleável e responsiva ao seu comando mental. Eles podiam minerá-la, moldá-la, despertar suas propriedades extraordinárias. Podiam construir e voar com ela, podiam se *conectar* a ela, como se fosse algo vivo.

Esse era o dom com o qual as crianças sonhavam, brincando de Servos na vila, e era o assunto de seus sussurros agora. Coradas e ansiosas, imaginavam como seriam suas próprias naves a receber seus comandos: tubarões alados e cobras aéreas, aves de metal, demônios e raios. Alguns desejavam coisas menos ameaçadoras: pássaros cantores, libélulas e sereias. Aoki, um dos irmãozinhos de Kora e Nova, declarou que a nave dele seria uma *bunda*.

– A porta vai ser o “buraco” – falou, apontando para seu próprio traseiro.

– Querido Thakra, não permita que Aoki seja um ferreiro – sussurrou Kora, invocando o serafim Faerer, para quem oravam em sua igrejinha de pedra.

Nova abafou uma risada.

– Uma nave-bunda *seria* aterrorizante – disse. – Talvez eu roube essa ideia se acabar sendo ferreira.

– Não, você não vai – falou Kora. – Nossa nave vai ser um uul, para lembrarmos com carinho de nosso lar.

A risada delas dessa vez não foi suficientemente abafada, e chamou a atenção do pai. Ele as silenciou com um olhar. Era bom nisso.

Elas pensaram que esse poderia ser seu dom: estraga-prazeres, inimigo da risada. Na verdade, tinha sido testado como elementar. Ele podia transformar coisas em gelo, e isso também era oportuno. Só que sua magnitude era baixa, como a de Skoyë e de todos os outros em Rieva, e todos os outros em todos os lugares. Dons poderosos eram raros. Era por isso que os Servos saíam em buscas como essas e testavam pessoas em todo o mundo, procurando agulhas em palheiros para incorporá-las às fileiras imperiais.

Kora e Nova sabiam que eram agulhas. *Tinham* que ser.

Então a tontura que ambas sentiam esmoreceu, não por conta do olhar repressor do pai, mas porque os Servos estavam examinando as mulheres reunidas – inclusive seu cheiro. Eles não conseguiram disfarçar o nojo. Um cochichou com o outro, e a risada em resposta foi tão dura quanto uma tosse. Kora e Nova não os culpavam. O fedor era grotesco, mesmo para quem estava acostumado. Como seria para os não iniciados e para os que nunca tiveram que estripar ou esfolar algo? Era doloroso fazer parte dessa multidão

horripilante sabendo que, para os visitantes, elas eram indistinguíveis do restante. Elas faziam o mesmo pedido desesperado em suas mentes. As irmãs não sabiam que desejavam exatamente a mesma coisa nesse exato momento, mas não teriam ficado surpresas se soubessem.

Veja-nos, imploraram aos Mesarthim. Veja-nos.

E como se tivessem falado em voz alta – como se tivessem gritado –, um dos quatro Servos parou no meio de uma frase e se virou para olhar diretamente para elas.

Kora e Nova congelaram, apertando os dedos rijos uma da outra, e desviaram o olhar. Era o homem alto de cabeça raspada. Ele as tinha escutado. Devia ser um telepata. Seus olhos se fixaram nos olhos delas e... se *derramaram* neles. Elas o sentiram como uma brisa agitando a grama, vasculhando, observando, exatamente como queriam ser vistas.

Em seguida, ele disse algo para a mulher que, por sua vez, disse algo para Shergesh.

O ancião apertou os lábios, aborrecido.

– Talvez os meninos primeiro... – tentou, e a mulher disse: – Não. Há sangue de Servo aqui. Vamos testá-las primeiro.

Então Kora e Nova foram levadas para dentro da nave-vespa, e as portas se fecharam.

2

NOVOS HORRORES

Sarai tinha vivido e respirado pesadelos desde que tinha seis anos. Durante quatro mil noites, ela explorou os cenários surreais de Lamento, testemunhando e criando atrocidades. Era a Musa dos Pesadelos. Sua centena de mariposas sentinelas estavam empoleiradas em cada sobancelha. Nenhum homem, mulher ou criança estava a salvo dela. Ela conhecia suas vergonhas e agonias, tristezas e medos, e ela pensou... acreditou... que conhecia *todos* os horrores e que nada poderia surpreendê-la.

Isso foi antes de se ajoelhar nas flores do jardim da cidadela e preparar seu próprio corpo para a cremação.

Aquela pobre coisinha quebrada. Estava deitada em uma cama de flores brancas, formando uma linda e colorida imagem: pele azul, seda cor-de-rosa, cabelos cor de canela, sangue vermelho.

Durante dezessete anos, isso fora *ela*. Esses pés pisaram o chão da cidadela em intermináveis passeios inquietos. Esses lábios sorriram e gritaram mariposas no céu, e beberam chuva em taças de prata.

Tudo o que significava ser Sarai estava ancorado na carne e nos ossos à sua frente. Ou tudo o que fora. Tinha sido arrancada, despelada pela morte, e este corpo, era... o quê? Uma coisa. Um artefato de sua vida finita. E eles iam queimá-lo.

Sempre haveria novos horrores. Ela sabia disso agora.

3

UMA GAROTINHA ESFARRAPADA COM OLHOS DE CARÇAÇA DE BESOURO

Na noite anterior, a cidadela dos Mesarthim quase caiu do céu. E teria esmagado a cidade de Lamento logo abaixo. Se alguém sobrevivesse ao impacto, se afogaria com o rio subterrâneo que inundaria as ruas ao se libertar. Mas nada disso aconteceu, porque alguém impediu a tragédia. Não importava que a cidadela tivesse centenas de metros de altura, forjada por metal alienígena e construída por um deus na forma de um anjo. Lazlo a pegara – Lazlo Estranho, o sonhador faranji que, de alguma maneira, era um deus. Ele havia impedido a cidadela de cair, então, em vez de todos morrerem, apenas Sarai morreu.

Bem, isso não era bem verdade. O explosionista também morreria, mas sua morte era uma justiça poética. Sarai só não teve sorte. Ela estava em seu terraço – bem na palma da mão do serafim gigante – quando a cidadela balançou e se inclinou. Não havia onde se segurar. Ela deslizou, mão de metal azul abaixo, seda no mesarthium, para além da borda.

Ela caiu e morreu, e qualquer um pensaria que isso seria o fim do terror, mas não foi. Ainda havia evanescência, e era pior. As almas dos mortos não se extinguíam quando a centelha da vida deixava o corpo. Elas eram esvaziadas no ar para serem languidamente desfeitas. Se tiver vivido uma vida longa, se estiver preparado e cansado, então talvez isso lhe pareça pacífico. Mas Sarai *não estava pronta*, e foi como se tivesse se dissolvido – como uma gota de sangue na água ou um granizo em uma língua vermelha e quente. O mundo tentou dissolvê-la, derretê-la e reabsorvê-la.

E... algo o impediu. Esse algo era Minya, é claro.

A garotinha era mais forte que a boca sugadora do mundo. Ela tirava fantasmas de sua garganta quando o mundo tentava engoli-los inteiros. Ela pegou Sarai. Ela a salvou. Esse era o dom de criados deuses de Minya: pegar as almas dos novos mortos e impedi-las de se desfazerem. Bem, esse era *meio* dom, e nos primeiros e inebriantes momentos de sua salvação, Sarai não pensou na outra metade.

Ela estava se desfazendo, sozinha e indefesa, presa na maré da evanescência e, de repente, não estava mais. Sarai era ela mesma de novo, parada no jardim da cidadela. A primeira coisa que viu com seus novos olhos foi Minya, e a primeira coisa que fez com seus novos braços foi abraçá-la. Esquecida, em seu alívio, de todo o conflito entre elas.

– Obrigada – sussurrou ardentemente.

Minya não a abraçou de volta, mas Sarai nem notou. Alívio era tudo o que sentia naquele momento. Quase havia se dissolvido em nada, e ali estava ela, real e sólida e em *casa*. Sonhara tanto em fugir desse lugar, e agora lhe parecia um santuário. Olhou em volta e estavam todos ali: Rubi, Pardal, Feral, as Ellens, alguns dos outros fantasmas, e...

Lazlo.

Lazlo estava ali, magnífico e azul, com encantamento nos olhos.

Sarai ficou maravilhada. Era como ser o ar inalado na escuridão, apenas para ser exalado como música. Estava morta, mas era música. Estava salva e eufórica. Voou até ele. Ele a pegou, e seu rosto era um incêndio de amor. Lágrimas se derramaram por suas bochechas e ela as limpou com beijos. Seus lábios sorridentes encontraram os dele.

Ela era fantasma e deusa, e eles se beijaram como se tivessem perdido seus sonhos e os reencontrado.

Os lábios dele roçaram seu ombro, perto da tira fina de sua camisola. Em seu último sonho compartilhado, Lazlo a beijou bem ali, e seu corpo pressionou o dela penas abaixo enquanto calor se espalhava por eles feito luz. Isso só na noite anterior. Ele tinha beijado seus ombros de sonho, e agora beijava seus ombros de fantasma. Sarai inclinou a cabeça para sussurrar em seu ouvido.

De seus lábios saíam palavras. As palavras mais doces de todas. Eles ainda tinham que dizê-las um para o outro. Tinham tão pouco tempo, e ela não queria desperdiçar um segundo sequer. Só que as palavras que saíram de sua boca não foram doces, e... não eram *dela*.

Essa era a outra parte do dom de Minya. Sim, a menininha que pegava almas e as conectava ao mundo. Ela lhes dava forma e lhes tornava reais. Impedia que se desfizessem.

E também as controlava.

– Nós vamos jogar um jogo – Sarai se ouviu dizendo. A voz era dela, mas o tom não. Era doce e afiado, como uma faca pingando gelo. Era Minya falando *através* dela. – Eu sou boa em jogos. Você vai ver. – Sarai tentou segurar as palavras, mas não conseguiu. Seus lábios, sua língua, seu tom, nada estava sob seu controle. –

Este vai funcionar assim. Só existe uma regra. Você faz tudo o que eu digo, ou eu deixo a alma dela partir. Que tal?

Faz tudo o que eu digo.

Ou eu deixo a alma dela partir.

Ela sentiu Lazlo ficar tenso. Ele se afastou para olhar para ela. Não havia mais encantamento em seus olhos. Tinha sido substituído por pavor, que ecoava o pavor dela conforme a nova realidade assentava:

Sarai era uma fantasma agora, escrava de Minya, que viu sua vantagem e a aproveitou. Lazlo amava Sarai, e Minya tinha o fio da alma dela em suas mãos, então... ela tinha Lazlo em suas mãos também.

– Balance a cabeça se você entendeu – disse.

Lazlo assentiu com a cabeça.

– Não – Sarai falou, e a palavra saiu dura ante seu desalento horrorizado. Foi como se tivesse recuperado a voz, mas depois lhe ocorreu que Minya devia ter *permitido* isso – que qualquer coisa que fizesse dali em diante seria porque Minya a *obrigava a* fazer ou porque a *permitia* fazer. *Santos deuses*. Ela jurou nunca mais servir às perversas vontades de Minya e agora era escrava dela.

A cena no jardim da cidadela era essa: flores silenciosas, uma fila de ameixeiras e as fitas de metal que Lazlo retirara das paredes para interceptar o ataque dos fantasmas de Minya. Suas armas foram capturadas e mantidas ali, e uma dúzia de fantasmas pairava atrás. Rubi, Pardal e Feral ainda estavam amontoados na balaustrada do terraço. Rasalas, a besta de metal, estava quase imóvel, mas seu enorme peito subia e descia, e também parecia, de alguma maneira, adormecido, mas vivo. Acima de todos, a grande águia branca que eles chamavam de Aparição fazia círculos no céu.

E no meio do jardim, em seu manto de flores, jazia o azul e o rosa, a canela e o sangue do cadáver de Sarai. Do outro lado, Sarai e Lazlo encaravam Minya.

A garota parecia tão pequena em seu corpo anormal, ainda vestida com os farrapos de suas roupas de bebê de quinze anos atrás. Seu rosto era redondo e suave, um rosto de criança, e os grandes olhos negros ardiam com a perversa vitória.

Com nada além da queimação daqueles olhos para contradizer o restante dela – sua pequenez, sua impureza –, ela irradiava poder, e pior: um fanatismo maligno que era sua própria lei e testamento.

– Minya – Sarai implorou. Sua mente girava com tudo o que era novo e o que não era: sua morte, o poder de Lazlo, o ódio e o medo que governavam suas vidas e a vida dos humanos também. – Tudo mudou – ela disse. – Você não vê? Estamos *livres*.

Livres. A palavra cantou. *Voou*. Ela a imaginou tomando forma, como uma de suas mariposas, rodopiando e brilhando no ar.

– Livres? – Minya repetiu. A palavra não brilhou quando ela disse. Não voou.

– Sim – Sarai confirmou, porque essa era a resposta para tudo. *Lazlo* era a resposta para tudo. Com sua morte e seu resgate, ela havia demorado para entender o que tudo aquilo significava, mas agora compreendia o que era esse fio de esperança. Eles haviam passado a vida inteira naquela prisão celeste, incapazes de fugir ou voar ou sequer se aproximar das portas. Viveram com a certeza de que mais cedo ou mais tarde os humanos viriam e o sangue escorreria. Até a semana anterior, estavam certos de que seria o sangue *deles*. O exército de Minya mudou tudo. Agora, em vez de morrer, eles matariam. E o que suas vidas seriam então? Ainda seriam prisioneiros, mas com cadáveres para lhes fazer companhia, e ódio e medo – esse não era o legado deixado por seus

pais, mas o novo e brilhante legado deles mesmos.

Só que não precisava ser assim.

– Lazlo pode controlar o mesarthium – disse. – É o que sempre precisamos. Ele pode mover a cidadela. – Ela o fitou, esperando estar certa, e novas explosões solares dispararam por seu corpo. Continuou: – Podemos ir para qualquer lugar agora.

Minya a encarou sem rodeios antes de olhar para Lazlo.

Ele não fazia ideia do que a garotinha estava pensando. Não havia dúvida em seus olhos. Eram tão pretos e vazios quanto carcaças de besouros, mas ele se agarrou ao mesmo fio de esperança que Sarai.

– É verdade. Posso sentir os campos magnéticos. Se erguer as âncoras, acho... – ele se interrompeu. Não era hora para demonstrar incerteza. – Eu *sei* que podemos voar.

Foi grandioso. O céu acenou em todas as direções. Sarai sentiu. Rubi, Pardal e Feral também, e se aproximaram, ainda agarrados uns aos outros. Depois de todos aqueles anos indefesos ali, se escondendo e sentindo medo, eles poderiam simplesmente *sair*.

– Bem, viva o Salvador de Todos – disse Minya, e sua voz era tão vazia quanto seu olhar. – Mas não se anime tanto. Não terminei com Lamento.

Terminei com Lamento. A boca de Sarai ficou seca. Com aquele tom suave, aquela frase, ela poderia estar falando sobre qualquer coisa, mas não estava. Era sobre vingança.

Era sobre massacre.

Eles haviam brigado muito nos últimos dias, e todas as palavras hostis de Minya reverberavam em sua mente.

Você me dá náusea. Você é tão gentil. Você é patética. Você nos deixaria morrer.

Os insultos ela aguentava, até mesmo as acusações de traição.

Era doloroso, mas a sede de sangue era o que a deixava sem esperança.

Eu terei o bastante quando der o troco.

A convicção de Minya era absoluta. Os humanos haviam acabado com sua espécie. Ela ficara na passagem ouvindo os gritos sumindo, bebê por bebê, até o silêncio reinar. Salvara todos os que conseguira, mas não foi o suficiente: apenas quatro dos trinta que foram massacrados enquanto ficava ali ouvindo. Tudo o que ela era, tudo o que fazia, surgiu do Massacre. Sarai apostaria que jamais existira uma fúria mais pura que a de Minya. Enquanto a encarava, desejou algo que nunca desejara: o dom de sua mãe. Isagol, a deusa do desespero, manipulava emoções. Se Sarai pudesse fazer isso, poderia fazer o ódio de Minya desaparecer. Mas não conseguiu. Para que mais ela servia a não ser para criar pesadelos?

– Minya, por favor – disse. – Já houve tanta dor. Essa é nossa chance para começar de novo. Não somos nossos pais. Não precisamos ser monstros. – Sua súplica era um sussurro. – *Não nos transforme em monstros.*

Minya inclinou a cabeça.

– Nós, monstros? E você defende o pai que tentou matá-la no seu berço. O grande Matador de Deuses, assassino de bebês. Se é isso o que significa ser um herói, Sarai... – Ela arreganhou os dentes de leite e rosnou: – *Prefiro ser um monstro.*

Sarai sacudiu a cabeça.

– Não estou o defendendo. Não é sobre ele. É sobre nós, e quem escolhemos ser.

– Você não pode escolher – rebateu Minya. – Você está morta. E

eu escolho o monstro!

Então a esperança de Sarai falhara. Não era forte, para começo de conversa. Ela conhecia Minya muito bem. Agora que Sarai era uma fantasma, Minya podia forçá-la a fazer o que ela sempre recusara: matar seu pai, o Matador de Deuses, Eril-Fane. E depois? Para onde a vingança de Minya os levaria? Como exatamente ela se vingaria do Massacre? Quantos teriam de morrer para satisfazê-la?

Sarai se virou para Lazlo.

– Ouça – disse rapidamente, com medo de Minya a silenciar. – Você não pode fazer o que ela disser. Você não sabe como ela é. – Afinal, tudo dependia *dele*. Minya poderia escolher ser o monstro, mas sem o poder de Lazlo, não seria mais que uma ameaça, presa na cidadela, incapaz de alcançar seus inimigos. – Você pode pará-la – sussurrou.

Lazlo a ouviu, mas suas palavras eram como símbolos aguardando para serem decifrados. Havia muito para absorver. Ela havia *morrido*. Ele carregara seu corpo quebrado. Que jazia logo ali. Levando em consideração tudo o que sabia do mundo, esse seria o fim. Mas ela estava ali, estava parada bem ali. Estava ali e aqui, e apesar de saber que era seu fantasma, não conseguia acreditar direito. Ela parecia tão real. Lazlo passou a palma da mão nas costas dela. O tecido deslizava como seda sobre a pele, e sua carne cedia sob os dedos dele, macia, flexível e quente.

– Sarai – ele disse. – Eu tenho você agora. Não vou permitir que ela deixe sua alma ir embora. Prometo.

– Não prometa isso! Você não precisa ajudá-la, Lazlo. Não por mim nem por ninguém. Prometa *isso*.

Ele piscou. As palavras dela o atingiram, mas ele não as aceitou. Sarai era a deusa que ele conhecera nos sonhos, e com ela caíra através das estrelas. Ele comprara a lua para ela, beijara sua

garganta azul e a abraçara enquanto ela chorava. Ela havia salvado sua vida. *Ela havia salvado sua vida*, e ele falhara em salvar a dela. Era inconcebível que ele falhasse novamente.

– O que você está dizendo? – perguntou, rouco.

Sarai entendeu a angústia dele. Sua voz era extraordinária. Era tão áspera e carregada de emoção. Ela a afetava como se pudesse sentir a aspereza, como o doce golpe de uma palma calejada, e a garota desejava apoiar-se nela e deixá-la a afagar para sempre. Em vez disso, forçou-se a dizer palavras amargas. O terror de sua revelação ainda pulsava em si, mas ela disse com todo o coração:

– Eu preferiria evanescer logo a ser a sua ruína e a morte de Lamento.

Ruína. Morte. Essas palavras estavam erradas. Lazlo balançou a cabeça, mas não conseguiu afastá-las. Ele havia *salvado* Lamento. Não poderia nunca lhe fazer mal. Mas também não podia perder Sarai. Era mesmo essa a escolha que tinha diante de si?

– Você não pode me pedir para não salvá-la.

Minya quis falar então.

– Sério, Sarai, o que você acha? – Seu tom sugeria simpatia pela situação de Lazlo, como se fosse Sarai quem o tivesse colocado nessa posição impossível, e não ela mesma. – Acha que ele poderia apenas deixá-la sumir e viver com *isso* na consciência?

– Não fale sobre a consciência dele – berrou Sarai –, sendo que você a rasgaria ao meio sem pensar duas vezes!

Minya deu de ombros.

– Duas metades ainda formam um inteiro.

– Não, não formam – Sarai disse amargamente. – Eu saberia. – Minya havia feito dela o que ela era, Musa dos Pesadelos, mas os anos de imersão nos sonhos humanos tinham-na transformado. O

ódio costumava ser uma armadura, mas ela o perdera e, sem ele, ela se viu indefesa contra os sofrimentos de Lamento. Sua consciência *havia* se rasgado ao meio, e o rasgo era uma ferida. Duas metades não formavam um inteiro. Formavam duas metades sangrentas e fragmentadas: uma parte leal à família de crias de deuses, e outra parte que entendia que os humanos também eram vítimas.

– Pobrezinha – falou Minya. – É minha culpa que você tenha uma consciência tão fraca?

– Não é *fraqueza* querer paz em vez de guerra.

– Fugir é fraqueza – atacou Minya. – E não vou fugir!

– Isso não é fugir. É ser livre para ir...

– Não somos livres! – latiu Minya, interrompendo-a. – Como podemos ser livres se a justiça não for feita? – Sua raiva incandesceu. Ela estava sempre lá, sempre fumegante, e não precisava de muito para incendiar. A ideia de assassinos ficando impunes e do Matador de Deuses caminhando tranquilo pelas ruas ensolaradas de Lamento acendeu um fogo infernal em seus corações, e ela não conseguia entender – *nunca* conseguiria entender – por que os corações de Sarai também não se incendiavam. O que faltava nela que fazia o Massacre não significar nada? Ela disse, fervilhando: – Você está certa sobre uma coisa, no entanto. *Tudo* mudou. Não precisamos esperar que eles venham até nós. – Com um olhar calculado para a besta alada, Rasalas, afirmou: – Podemos descer para a cidade quando quisermos.

Descer para a cidade. Minya, em Lamento.

Lazlo e Sarai estavam lado a lado. A mão dele era quente em suas costas, e ela sentiu o choque que o atravessou. Ela também o sentiu em seu corpo ante a imagem de Minya em Lamento. Ela viu como seria: uma garotinha esfarrapada com olhos de carcaça de besouro,

arrastando consigo um exército de fantasmas. Ela os soltaria nas famílias e amigos, e toda vida que terminassem seria mais um soldado para o exército. Quem poderia enfrentar tal força? Os Tizerkane eram fortes, mas poucos, e fantasmas não podiam ser feridos ou mortos.

– Não. – Sarai engasgou. – Lazlo não vai levar você lá.

– Se ele a ama, vai sim. – A palavra, tão doce na boca de Sarai alguns instantes atrás, era obscena na boca de Minya. – Não vai? – a garotinha disse, virando os olhos negros para Lazlo.

Como ele poderia responder? Qualquer escolha era impossível. Lazlo sacudiu a cabeça, mas não era uma resposta. Estava desorientado, rodopiando. Só sacudiu a cabeça para clarear a mente, mas Minya tomou como um não, e seus olhos se estreitaram.

Ela não sabia de onde esse estranho viera ou se era uma cria dos deuses como eles, mas estava certa sobre uma coisa: havia vencido. Ele tinha o dom de Skathis e mesmo assim ela o vencera. Como não entendiam isso? Ela os *possuía*, e eles ainda estavam ali argumentando, como se a cena fosse uma discussão.

Não era uma discussão.

Sempre que Minya ganhava no quell – e ela *sempre* ganhava –, subia no tabuleiro e fazia as peças voarem, de modo que o perdedor tinha de ficar de quatro para juntá-las. Era importante que perdedores entendessem o que eram; às vezes era preciso deixar isso claro. Mas como?

Não havia nada mais fácil. O estranho segurava Sarai como se ela pertencesse a ele.

Ela não pertencia. Ele não poderia segurá-la se Minya quisesse levá-la.

E Minya queria.

Então a afastou. Oh, ela não moveu um músculo. Simplesmente obrigou Sarai a obedecer. Poderia ter feito parecer que Sarai estava se mexendo por vontade própria, mas qual seria a lição? Em vez disso, a tomou pelos pulsos, pelos cabelos, pelo seu *ser*. E a arrancou.

4

GUERRA COM O IMPOSSÍVEL

Era como se Lazlo estivesse agarrado ao limite da razão com as pontas dos dedos, como se o mundo rodopiasse e pudesse sacudi-lo e lançá-lo para longe a qualquer momento, como a explosão que o atingira na noite anterior. Uma coisa era real: ele tinha batido a cabeça nas pedras do calçamento. Estava latejando. A tontura ia e vinha, e seus ouvidos zuniam. Sangravam. O sangue estava seco em seu pescoço, coberto de poeira da explosão, e era o mínimo de sangue dele. Seus braços, suas mãos e seu peito estavam escuros do sangue de Sarai, e essa realidade – o que era mais real do que sangue? – provocou uma guerra entre a dor e a descrença.

Como aceitar o que acontecera? No mais lindo sonho de sua vida, ele compartilhou seus corações com Sarai, ele a beijou, voou com ela e, juntos, ultrapassaram a fronteira da inocência para mergulhar em algo quente e doce e perfeito, só para depois ela ser arrancada dele com um súbito despertar...

... e ele se deparou com o alquimista Thyon Nero em sua janela, impassível com acusações que o levaram à extraordinária

descoberta de quem e o que Lazlo era: um órfão de guerra de Zosma, mas também meio-humano, filho de um deus, abençoado com o poder que era a maldição de Lamento, bem a tempo de salvá-la.

Mas não a tempo de salvar Sarai.

Havia salvado todos, menos ela. Ele ainda não conseguia respirar fundo. Seria assombrado para sempre com a imagem do corpo dela arqueado para trás sobre o portão em que caíra, com o sangue pingando das pontas de seus longos cabelos.

Mas a cadeia de surpresas e horrores não terminou com a morte de Sarai. Esse não era o mundo que Lazlo conhecia dos livros e contos de fadas. Era um lugar onde mariposas eram mágicas e deuses eram reais, e anjos queimavam demônios em uma pira do tamanho da lua. Aqui, a morte não era o fim. A alma de Sarai estava segura e presa – *oh, maravilha* –, mas uma garotinha suja pendurou seu destino como um brinquedo em uma corda, mergulhando os dois de volta no horror.

E agora Minya a afastava dele, e o chão do desespero de Lazlo se abriu, provando ser um abismo de profundidade desconhecida. Ele tentou segurá-la, mas quanto mais tentava, mais ela desvanecia. Era como tentar segurar o reflexo da lua.

Aprendera uma palavra em um mito: *sathaz*. Significava o desejo de possuir o que nunca pode ser seu. Era um desejo sem sentido, sem esperança, como um menino de rua sonhando em ser rei, e vinha da história do homem que amava a Lua. Lazlo costumava adorar aquela história, mas agora odiava. Era sobre fazer as pazes com o impossível, e ele não podia fazer mais isso. Enquanto Sarai derretia em seus braços, compreendeu: só poderia fazer guerra.

Guerra com o impossível. Guerra com a criança monstruosa diante dele. Nada menos que *guerra*.

Mas... como ele poderia enfrentá-la se ela tinha a alma de Sarai?

Ele travou a mandíbula para impedir que palavras imprudentes escapassem de sua boca. O ar saiu sibilando dos dentes cerrados. Cerrou os punhos também, mas havia muita fúria para conter seu corpo, e Lazlo ainda não entendia que não era mais apenas um homem. As fronteiras de seu ser haviam mudado. Ele era carne e sangue, ossos e espírito, e agora também era *metal*.

Rasalas rugiu. A terrível criatura que fora de Skathis era de Lazlo agora, e era majestosa. Em parte espectral, em parte esplêndida, era elegante e poderosa, com imensos chifres de metal espelhado e uma imagem tão bela que seu pelo de mesarthium parecia macio ao toque. Lazlo não queria que a besta rugisse, mas ela era uma extensão dele agora, e quando ele fechou a boca, a de Rasalas se abriu. O som... Quando a criatura gritara na cidade abaixo, o som que emitiu era de pura agonia. Era *fúria*, e a cidadela inteira vibrou.

Minya sentiu seu corpo tremer e nem sequer piscou. Ela sabia qual era a fúria que importava, e Lazlo também.

– Eu não falo a língua das bestas – ela disse, enquanto o rugido morria –, mas espero que isso não tenha sido um *não*. – Sua voz soava calma, até mesmo entediada. – Acredito que você se lembra da regra. Havia apenas uma.

Faz tudo o que eu digo.

Ou eu deixo a alma dela partir.

– Eu me lembro – Lazlo respondeu.

Sarai estava ao lado de Minya, dura como uma tábua. Estava suspensa do ar, como se pendurada por um gancho. Horror e desespero eram evidentes em seus olhos, e ele teve certeza de que o momento chegara: a escolha impossível entre a garota que amava e uma cidade inteira. A ansiedade o invadiu. Então ergueu as mãos em um gesto pacificador.

– Não a machuque.

– Não me *faça* machucá-la – Minya devolveu.

Um som veio de trás. Era um suspiro, soluço, e, por menor que fosse, abriu uma fenda na atmosfera de ameaça. Minya lançou um olhar para as outras três crias dos deuses. Rubi, Pardal e Feral ainda estavam em choque. O abandono da cidadela, a queda de Sarai, e esse estranho a trazendo morta. Só surpresas desagradáveis, e agora *isto*.

– O que você está fazendo? – Pardal perguntou, incrédulo. Ela olhou para Minya, assustada. – Você não pode... *usar* Sarai.

– Claro que *posso* – respondeu Minya, e para provar, fez Sarai assentir. Aquele aceno de cabeça era grotesco, e os olhos de Sarai suplicavam. Era o único defeito no dom de Minya: ela não conseguia evitar que o horror transpassasse no olhar de seus escravos. Ou talvez ela só preferisse assim.

Outro soluço baixinho escapou da garganta de Pardal:

– Pare! – berrou. Deu um passo à frente, querendo se aproximar de Sarai e afastá-la de Minya, não que *pudesse*, mas parou diante do cadáver que jazia no caminho. Ela poderia tê-lo contornado ou passado por cima, mas parou e ficou olhando. Só a tinha visto do outro lado do terraço, quando Lazlo a trouxera. De perto, a realidade brutal lhe roubou o ar. Rubi e Feral se aproximaram e observaram também. Um gemido escapou de Rubi.

Sarai havia sido empalada. A ferida estava no meio de seu peito, dilacerando seu corpo em um buraco horrível. Como ficara de cabeça para baixo, o sangue escorrera para o pescoço e os cabelos, encharcando-os. Nas têmporas e na testa, ela ainda era canela, mas as longas ondas estavam escuras como vinho e se aglomeravam em uma massa pegajosa.

Os três olhavam de Sarai para Sarai e de volta – do corpo de

fantasma para o fantasma de corpo –, tentando conciliar as duas. A fantasma usava a mesma camisola rosa que o cadáver, mas não tinha sangue nem ferida. Seus olhos estavam arregalados; os olhos do cadáver estavam fechados. Lazlo os fechou com um beijo ao colocá-lo no chão, mas não era uma figura serena. Nenhuma delas era, uma inerte e descartada, outra parada no ar, como um peão em um jogo traiçoeiro.

– Ela está *morta*, Minya – Pardal disse, com lágrimas escorrendo pelas bochechas. – Sarai morreu.

Minya bufou de leve e disse:

– Estou ciente, obrigada.

– Está? – perguntou Feral. – Afinal, você chamou isso de jogo. – Sua voz soou fina em contraste com a do estranho. Inconscientemente, ele a engrossou, tentando se igualar a Lazlo. – Olhe para ela, Minya – falou, gesticulando para o corpo. – Isso não é um jogo. É morte.

Minya olhou, mas se Feral esperava uma reação, se decepcionou.

– Você acha que não sei o que é a morte? – ela perguntou, arqueando os lábios, divertida.

Ah, ela sabia. Quando tinha seis anos, todos que conhecia foram assassinados a sangue frio, com exceção dos quatro bebês que salvou a tempo. A morte a transformara no que ela era: essa criança anormal que nunca crescia, nunca esquecia, e nunca perdoaria.

– Minya – Rubi disse. – Deixe-a ir.

Lazlo não poderia saber o quão incomum era que eles a estivessem enfrentando. Só Sarai fizera isso, e agora, é claro, não podia, então eles fizeram o que sabiam que ela teria feito, e emprestaram suas vozes a ela, que havia sido silenciada. Eles

falaram em pequenas ondas de respiração, com as bochechas coradas de violeta. Era assustador e libertador, como abrir uma porta que nunca tivessem ousado abrir. Lazlo esperou, grato pela intervenção, e torceu para que Minya os ouvisse.

– Vocês querem que eu a deixe ir? – ela perguntou, com um brilho perigoso no olhar.

– Não... – ele disse rapidamente, lendo a intenção dela de liberar a alma de Sarai para a evanescência. Era como um conto de fadas, um desejo proclamado com uma frase mal elaborada, que se virou contra quem desejou.

– Você entendeu o que quero dizer – Rubi falou, impaciente. – Somos uma família. Não *escravizamos* uns aos outros.

– Porque *you* não pode – retorquiu Minya.

– Eu não faria isso se pudesse – disse Rubi, sem convicção.

– Não usamos nossa *mágica* uns com os outros – Feral declarou. – Essa regra é sua.

Minya os fizera prometer quando ainda eram criancinhas. Eles colocaram as mãos em seus corações e juraram, e respeitaram a promessa, apesar das ocasionais nuvens de chuva ou camas queimadas.

Minya os olhou ali reunidos em volta do estranho. Pareciam estar todos contra ela. Então respondeu devagar, como se estivesse dizendo o óbvio para idiotas:

– Se eu não tivesse usado minha *mágica* com ela, ela teria evanescido.

– Então use-a *para* ela, não *contra* ela – Pardal implorou. – Você pode manter a alma dela, mas deixe-a livre, como faz com as Ellens.

As Ellens eram duas fantasmas que cuidaram deles, mas havia

um problema na afirmação de Pardal. As mulheres, todos percebiam agora, não estavam exatamente exercendo sua “liberdade”. Se estivessem, não teriam se separado, escondidas atrás da barreira de metal que Lazlo fizera quando Minya atacou. Elas estariam com eles, ocupadas com suas coisas, cacarejando e dando ordens, como sempre.

Elas não estavam ali e, quando compreenderam, a surpresa se virou em uma nova direção.

– Minya – Feral disse, chocado. – Diga que você não está controlando as Ellens.

Era inconcebível. Elas não eram como os outros fantasmas do triste exército de mortos de Minya. Elas não desprezavam as crias dos deuses. Elas as amavam, e eram amadas, e tinham morrido tentando protegê-las do Matador de Deuses. Foram as primeiras almas que Minya capturara, naquele dia terrível em que se viu sozinha com quatro bebês para criar em uma prisão manchada de sangue. Ela nunca teria conseguido sem as Ellens, e era como Pardal disse, ou como sempre foi: ela usara sua magia *para* elas, não *contra* elas. Sim, ela tinha o controle de suas almas, assim como o de todas as outras, mas só para que elas não evanescessem. Ela as deixara livres. Supostamente.

O rosto de Minya se contraiu, revelando um flash de culpa que sumiu assim que apareceu.

– Eu precisava delas. Estava defendendo a cidadela – disse, lançando um olhar especial para Lazlo. – Depois que ele prendeu meu exército lá dentro.

– Bem, você não está defendendo a cidadela agora – Feral disse. – Deixe-as livres.

– Certo – Minya falou.

As mulheres fantasmas surgiram por trás da barreira, libertadas.

Os olhos da Grande Ellen eram ferozes. De vez em quando, para fazer as crianças lhe contarem a verdade, ela transformava sua cabeça na de um falcão. Elas nunca poderiam desafiar aquele olhar penetrante. Ela não usou a transformação naquele momento, mas seu olhar ainda era penetrante.

– Meus queridos, minhas víboras – disse, se aproximando. Estava planando, sem encostar os pés no chão. – Vamos acabar com essa discussão, que tal? – Para Minya, com uma voz que continha partes iguais de carinho e reprovação, ela falou: – Sei que está chateada, mas Sarai não é o inimigo.

– Ela nos traiu.

Grande Ellen estalou a língua.

– Ela não traiu. Ela não fez o que você queria. Isso não é traição, querida. É discordância.

Pequena Ellen, mais jovem e mais leve que seu par matronal, acrescentou com humor:

– Você nunca faz o que eu quero. É traição toda vez que você se esconde para tomar banho?

– É diferente – murmurou Minya.

Para Lazlo, que observava tudo, a sensação era terrível, e seus corações estavam apertados. O tom da interação era bizarro. Era tão casual que parecia que Minya não estava mantendo a alma de Sarai prisioneira. Elas pareciam estar repreendendo uma criança por abraçar um gatinho com muita força.

– Nós devemos decidir o que fazer – Feral disse, com sua nova voz grossa. – Juntos.

Pardal acrescentou, com uma nota de súplica:

– Minya, somos *nós*.

Nós, Minya ouviu. A palavra era pequena, mas enorme, e era

dela. Sem ela, não havia “nós”, só pilhas de ossos em berços. E mesmo assim ali estavam eles reunidos em torno desse homem que nunca tinham visto antes, olhando para ela como se *ela* fosse a estranha.

Não. Eles a olhavam como se ela fosse o inimigo. Era um olhar que Minya conhecia bem. Durante quinze anos, cada alma que capturava tinha esse mesmo olhar. Uma sensação de... *algo...* correu através dela. Era tão forte quanto alegria, mas não era alegria. Disparou por suas veias como mesarthium derretido, e a fez se sentir invencível.

Era ódio.

Era reflexo, como puxar uma faca quando a mão de seu inimigo se contrai. Pulsava como sangue, como espírito. Suas mãos formigaram. O sol pareceu brilhar, e tudo pareceu simples. Isso era o que Minya sabia: se tiver um inimigo, *seja* o inimigo. Odeie quem te odeia. Odeie mais. Odeie de forma *pior*. Seja o monstro que eles mais temem. E sempre que puder, de todos os modos possíveis, *faça-os sofrer*.

O sentimento brotou nela rapidamente. Se tivesse presas, elas seriam cobertas com veneno e estariam prontas para atacar.

Mas... atacar quem? Odiar quem?

Esse era o seu grupo. Tudo o que fizera nos últimos quinze anos fora por eles. *Somos nós*, Pardal disse. *Nós nós nós*. Só que eles estavam ali, olhando-a daquele jeito, e ela não era parte desse *nós*. Ela estava de fora agora, sozinha, separada. Um súbito vazio se abriu nela. Será que eles a trairiam, como Sarai, e... o que ela faria então?

– Não precisamos decidir o rumo das nossas vidas neste exato momento – Grande Ellen disse. E encarou Minya. Seus olhos não eram de falcão, mas suaves e castanho-aveludados, cheios de

verdadeira compaixão.

Dentro de Minya havia algo bagunçado, que se bagunçava ainda mais conforme os outros a encaravam. Dizer-lhe o que fazer só a deixaria encurralada e, como uma criatura acuada, ela lutaria até o fim. Desde o início, Lazlo a irritara chegando do nada como se fosse uma visão impossível – um Mesarthim, e montado em Rasalas! – e ordenando que ela pegasse a alma de Sarai. Como se ela não fosse fazer mesmo isso! Essa ousadia dele queimava feito ácido. Ele tinha até a prensado no chão, com a pata de Rasalas em seu peito. Doeu, e ela tinha certeza de que ficaria um hematoma ali, mas nada se comparava a seu ressentimento. Ao obrigá-la a fazer o que ela já estava fazendo por conta própria, Minya sentia como se Lazlo tivesse ganhado alguma coisa, e ela, perdido.

E se ele tivesse perguntado? *Por favor, você pode pegar a alma de Sarai?* Ou, melhor ainda, e se ele tivesse confiado que ela *faria?* Oh, com certeza não estariam lidando com todo esse desconforto, e será que Sarai estaria parada no ar agora? Talvez não.

E apesar de Lazlo não conhecê-la, os outros a conheciam bem. Mas de todos eles, só Grande Ellen parecia saber o que fazer.

– Uma coisa de cada vez, e primeiro o mais importante – ela disse. – Por que não nos conta, querida, o que é o mais importante?

Em vez de dar uma ordem, a babá perguntou. Ela a deixou escolher, e aquela coisa bagunçada em Minya relaxou um pouco. Era medo, é claro, embora Minya não soubesse. Ela achava que era raiva, e sempre raiva, mas essa era a máscara que ela vestia, porque medo era uma fraqueza, e ela tinha jurado nunca mais ser fraca.

Minya deveria ter respondido que primeiro iriam matar Eril-Fane. Era o que eles esperavam. Podia ver em seus olhos desconfiados. Mas também viu algo além: uma rebeldia crescente.

Tinham testado levantar a voz contra ela, e ainda saboreavam esse gosto em suas bocas. Seria estúpido pressioná-los agora, e Minya não era estúpida. Na vida, assim como no quell, ataques diretos encontravam maior resistência. Era melhor dissimular para fazê-los baixarem a guarda. Então deu um passo para trás e, com esforço, tentou parecer mais calma.

– Primeiro vamos cuidar de Sarai – respondeu.

E com isso, deixou-a ir – sua essência, não sua alma. Sem pegadinhas. Fora clara.

Liberada do controle de Minya, Sarai desabou no chão. A queda foi abrupta, e ela caiu de joelhos. Durante aqueles longos momentos de rígida paralisia, ela lutou, sondando a fraqueza. Mas não havia fraqueza. O domínio de Minya sobre ela era absoluto, e agora que estava livre, tremia incontrolavelmente. Lazlo correu até ela, murmurando com sua voz rouca:

– Está tudo bem agora – disse. – Estou com você. Vamos te salvar, Sarai. Vamos dar um jeito. *Vamos salvar você.*

Ela não respondeu. Apoiou-se nele, exausta, e só conseguiu pensar: *Como?*

Os outros – tirando Minya – estavam reunidos ao redor, acariciando seus braços, cabelos, perguntando se ela estava bem e lançando olhares tímidos para Lazlo, que era, afinal de contas, o primeiro estranho vivo no meio deles.

Foi Pardal, com uma expressão confusa, quem se virou para Minya e perguntou, incerta:

– O que você quis dizer com “cuidar de Sarai”?

– Oh – Minya disse, fazendo uma careta como se lamentasse. – Como vocês apontaram tão gentilmente, Sarai está *morta*. – Ela agitou os dedos na direção do cadáver. – Não podemos deixá-la

largada aí, não é? Vamos ter de queimá-la.

5

A PICADA E A DOR

Queimar.

Não deveria ser surpresa, mas era. O solo no jardim não era fundo o suficiente para enterrá-la e, é claro, Minya estava certa: não poderiam deixar um corpo jogado ali. Mas não estavam nem um pouco preparados para lidar com o que precisava ser feito. Era brutal demais, o cadáver era real demais, e era... *Sarai*.

– Não – Lazlo falou, pálido. Ele ainda não conseguia conciliar aquelas duas figuras. – Nós... temos seu corpo e sua alma. Não podemos só... juntá-las?

Minya ergueu as sobrancelhas.

– Juntá-las? – repetiu, zombando. – Como? Tipo colocar um ovo de volta na casca?

Grande Ellen colocou a mão sobre seu ombro e disse a Lazlo, com a máxima gentileza:

– Acho que não funciona assim.

Sarai sabia que seu corpo não tinha reparação. Seus corações estavam perfurados, sua coluna quebrada, mas ainda assim ela

também desejava esse mesmo milagre.

- Não existiam crias dos deuses que podiam curar? - perguntou, pensando em todas as outras crianças mágicas nascidas na cidadela que haviam sumido ao longo dos anos.

- De fato, existiam - a babá falou. - Mas elas não fazem bem. A morte não pode ser curada.

- Então alguma que pode trazer os mortos de volta? - insistiu. - Não tem nenhuma?

- Se elas existissem, não poderiam ajudar agora. Que sejam abençoadas onde estiverem. Não há salvação para o seu corpo, querida. Sinto muito, mas Minya está certa.

- Mas *queimá-lo* - Rubi disse em pânico, já que seria ela quem teria de acender o fogo. - É tão... permanente.

- A morte é permanente - Pequena Ellen disse -, mas a carne não. - Ela não era uma força da natureza tão poderosa quanto Grande Ellen, mas era uma presença que passava estabilidade, com suas mãos calmas e voz doce. Quando eram pequenos, ela costumava cantar canções de ninar de Lamento. E continuou: - É melhor fazermos logo. Não ganharemos nada esperando.

As Ellens sabiam das coisas. Haviam cuidado dos próprios corpos assassinados e os queimado em uma pira com os deuses e bebês que morreram naquele mesmo dia sombrio.

Pardal se ajoelhou ao lado do cadáver. O movimento foi súbito, como se seus joelhos tivessem cedido. Algo a impeliu a colocar as mãos no corpo. Seu dom era o que era. Ela fazia as coisas crescerem. Era a Bruxa das Orquídeas, não uma curandeira, mas podia sentir a pulsação da vida nas plantas, mesmo que a mais fraca possível, e podia fazer florescer talos murchos que para qualquer outra pessoa pareceriam mortos. Se ainda houvesse vida em Sarai, ela ao menos *saberia*. Hesitante, aproximou-se e pousou

as mãos trêmulas na pele azul e ensanguentada. Fechou os olhos e ouviu, ou fez algo parecido com ouvir. Não era um sentido comum, era mais como o que Minya sentia com a passagem dos espíritos no ar.

Minya sentira a vibração do espírito de Sarai e o fisgara.

E Pardal só sentiu um eco terrível de *nada*.

Afastou as mãos. Estavam tremendo. Nunca tocara um cadáver antes, e torceu para nunca mais ter de tocar. Era tão inerte, tão... *vazio*. Ela chorou por tudo o que esse corpo nunca mais faria ou sentiria, e suas lágrimas seguiram os caminhos secos de sal deixados por muitas outras lágrimas que derramara desde a noite anterior.

Ao observar o cadáver, os outros entenderam que esse era o fim. Lazlo sentiu uma pontada atrás dos olhos e uma dor nos corações, e Sarai também, embora compreendesse que seus olhos e seus corações não eram reais, assim como a pontada e a dor.

Rubi soluçou, virando-se para Feral e afundando o rosto no peito dele. Ele segurou a nuca dela, os dedos desaparecendo nos cabelos escuros e selvagens, e inclinou-se sobre Rubi para esconder o rosto enquanto seus ombros tremiam em silêncio.

As Ellens também choravam. Somente Minya tinha os olhos secos.

E apenas Lazlo notou o momento em que ela olhou para o cadáver envolto em flores e pareceu, por um instante, uma criança de verdade. Seus olhos não tinham mais o brilho de carcaças de besouro, e não estavam inflamados de triunfo. Eles pareciam... perdidos, como se ela mal entendesse o que estavam vendo. Até que ela o sentiu observando-a, e o momento se foi. Seus olhos se chocaram com os dele e enviaram apenas ameaças.

– Limpem isso – ela falou, gesticulando com desprezo para o

cadáver, como se não fosse mais que uma bagunça que precisava ser arrumada. – Digam adeus. Façam o que precisam fazer. Discutiremos sobre Lamento quando tiverem terminado. – E virou-se. Ficou claro que ela pretendia sair sem dizer mais nenhuma palavra, mas foi frustrada na galeria, que Lazlo havia fechado antes para prender o exército dela. – Você – ordenou, sem olhar para trás. – Abra as portas.

Lazlo abriu. Assim como as fechara, ele as abriu. Era a primeira vez que fazia isso estando calmo, pois tudo se passara em um borrão de desespero. Ficou maravilhado com a facilidade de exercer seu dom. O mesarthium respondeu ao seu mais simples pedido, e uma animação o tomou.

Tenho poder, pensou, encantado.

Quando os arcos foram restaurados, ele viu o exército fantasma esperando lá dentro e pensou que Minya poderia atacar novamente, mas ela não o fez. Apenas se afastou.

Em seus corações, declarara guerra à criança sombria, mas não era guerreiro e seus corações não tinham lugar para ódio. Enquanto a observava indo embora, tão pequena e solitária, um lampejo de clareza o esmagou. Além de poder ser feroz, sem redenção, Minya estava quebrada e sem conserto. Mas se desejavam salvar Sarai e Lamento... tinham de salvá-la primeiro.

6

TODOS GRITARAM “MONSTRO”

Minya saiu empurrando seus fantasmas. Ela poderia tê-los movido para o lado abrindo caminho para si, mas nesse momento lhe convinha empurrar.

- De volta a seus postos - comandou, severa, e eles imediatamente se afastaram para assumir suas posições na cidadela.

Ela não precisava dizer em voz alta. Não eram as suas palavras que obedeciam. As vontades da menina sufocavam as deles. Ela os movia como peças em um jogo. Mas era bom falar e ser obedecida. Ocorreu-lhe que tudo seria bem mais simples se todos estivessem mortos e ela pudesse controlá-los.

Da galeria, era só fazer algumas curvas e seguir por uma passagem curta para alcançar a porta que procurava. Não era bem uma porta, não mais, congelada enquanto se fechava no momento da morte de Skathis. Era alta - tinha o dobro da altura de um homem - e, embora fosse larga outrora, agora era apenas uma brecha. Ela tinha de se espremer para atravessá-la. Teve de enfiar a

cabeça de um lado para o outro. Seria mais fácil, pensou, se não tivesse orelhas. Tudo seria mais fácil. Ela não precisaria ouvir a fraqueza legítima e ofegante dos outros, sua conversa sobre misericórdia, sua dissidência.

Depois da cabeça, teve de enfiar os ombros na fresta. O restante deveria passar mais facilmente, mas seu peito estava agitado com uma respiração furiosa. Teve que expirar de uma vez e se empurrar para dentro. Doeu – especialmente onde a pata de Rasalas a tocara –, mas isso não era nada ante a firmeza de sua fúria efervescente.

Lá dentro, havia uma antecâmara, e além as paredes se abriam para o espaço que se tornara seu santuário: o coração da cidadela – como o haviam apelidado quando eram crianças.

Assim que entrou, deixou escapar o grito que segurava. O urro saiu rasgando de seu âmago, atravessando sua garganta e preenchendo sua cabeça com uma explosão de som. Parecia um apocalipse, mas o som que deixou seus lábios era vazio e diminuto naquela sala enorme e estranha, não correspondendo ao que ouvia dentro de sua cabeça. O coração da cidadela engoliu o som e, quando Minya gritou, foi como se tivesse engolido sua raiva também. No entanto, ela sabia que nunca conseguiria gritar por tempo o bastante para se livrar de tudo. Sua voz sumiria antes que se livrasse inteiramente da raiva. Ela poderia gritar até fazer um buraco na garganta, até se desfazer em pedacinhos como seda mastigada por mariposas e, mesmo assim, seus restos, a pequena pilha de farrapos que sobraria dela, ainda estariam derramando esse grito infundável.

Enfim, ela parou, tossindo. Sua garganta parecia em carne viva. O apocalipse ainda fervia dentro de si, como sempre. Como sempre.

Ela afundou na passagem estreita que percorria a circunferência

da sala. Era um espaço misterioso: esférico, como o interior de uma bola, mas vasto – com cerca de trinta metros de diâmetro – e coberto de mesarthium liso. Uma passarela o circundava, quinze metros de ar vazio acima e quinze metros abaixo. Ou não tão vazio. Bem no centro, flutuando no ar como a própria cidadela, havia uma esfera menor, lisa e fixa no espaço, com cerca de seis metros de largura e altura.

E havia duas vespas enormes, terríveis e lindas, esculpidas em mesarthium e empoleiradas na curvatura das paredes.

Tudo abaixo era apenas uma grande bacia de ar. Minya não estava acostumada com aquele vazio. Durante todos esses anos, ela manteve seu exército ali, construindo-o alma por alma. Agora eles estavam em guarda ao longo das passagens, no jardim e nas palmas das mãos do grande serafim, de onde podiam ver qualquer indício de ameaça que pudesse surgir de Lamento.

Só havia um fantasma com ela agora: Ari-Eil, o mais novo, tirando Sarai. Era o primo mais jovem do Matador de Deuses, morto recentemente. Ela o mantinha como seu guarda-costas. Olhou para ele, que tinha olhos mais impassíveis do que nunca. Como ele a odiava. Todos os fantasmas a odiavam, mas seu ódio era mais fresco, e funcionava como uma boa pedra de amolar sobre a qual podia afiar o próprio ódio. Bastava fitá-lo e o ódio cantava brilhante nela, uma reação defensiva ao olhar humano. *Odeie quem te odeia.*

Era fácil. *Natural.* O que não era natural era *não* odiá-los.

– O que foi? – disparou, imaginando ter visto um lampejo de satisfação no olhar dele. – Eles não me *venceram*, se é o que está pensando. – Sua voz saiu como um grito dilacerado. – Vou lhes dar uma pausa. Para que possam queimar o corpo.

Ela permitiu que ele falasse, para que pudesse insultá-la e ela,

por sua vez, pudesse puni-lo, mas ele apenas disse categoricamente:

– Você é a própria benevolência.

Ela contorceu o rosto e o virou para encarar a porta. Não queria que ele a visse.

– Não pense que sua cidade está salva – sussurrou, e embora ele tivesse a liberdade de responder, se recusou a usá-la.

Ela se sentou, repousando os pés sobre a beira da passarela. Tremia. Os minutos se passaram pesadamente, e ela enfim se acalmou, então a calma se transformou em outra coisa.

Minya ficou paralisada.

Os outros não percebiam: ela raramente dormia. Ela *podia* dormir, e o fazia quando era essencial, quando começava a se sentir como uma fantasma. Mas o sono era uma submersão muito mais profunda do que ela estava acostumada. Não conseguia controlar seus fantasmas nesse estado, apenas enviar comandos que eles obedeceriam quando ela os movesse. Porém, havia outro estado: uma espécie de consciência superficial, como um rio que, derramando-se em um desfiladeiro, se alargava e crescia devagar. Ela poderia descansar ali, à deriva, sem nunca ter de se render à profunda atração da escuridão.

Minya nunca tinha ouvido sobre leviatãs. Lazlo poderia ter lhe contado como, no Oeste, onde o mar era da cor dos olhos de um bebê recém-nascido, as pessoas capturavam monstros marinhos quando ainda eram jovens e os amarravam a enormes flutuadores para impedi-los de submergirem à liberdade. Eles passariam a vida inteira servindo de navios, alguns por centenas de anos, sem jamais poderem mergulhar e desaparecer nas profundezas. A mente dela era assim. Ela a *mantinha* assim: cativa na superfície, raramente lhe permitindo mergulhar na natureza selvagem e

desconhecida.

Ela preferia essas águas rasas, onde poderia reagir e manter o controle de todas as suas amarras. Seus olhos estavam abertos, vazios. Ela parecia uma concha vazia – só que se balançava. Era sutil, seus ombros magros e curvados sacudiam para a frente e para trás. Seus lábios estavam se movendo, moldando as mesmas palavras repetidamente em silêncio, enquanto ela revivia as mesmas memórias de sempre, os mesmos gritos ecoando para sempre.

Para sempre e sempre: as crianças. Cada rosto estava gravado em sua mente, em duas versões, lado a lado: vivos, e aterrorizados diante de mortos de olhos vidrados, porque *ela* não as salvara.

Elas foram tudo o que consegui carregar.

Essas foram as palavras que seus lábios formavam de novo e de novo, enquanto se balançava para a frente e para trás. Salvara apenas quatro de trinta: Sarai e Feral, Rubi e Pardal. Não escolhera, só agarrara os mais próximos. Queria voltar para salvar os outros.

Mas então os gritos começaram.

Suas mãos em seu colo se fecharam, e os dedos se moviam sem cessar, esmagando uma sujeira imaginária nas palmas. Estava se lembrando do suor, da tentativa de segurar as mãos contorcidas de Sarai e Feral. Rubi e Pardal eram bebês; ela os segurou em um braço. Sarai e Feral eram criancinhas. Ela os arrastou. Eles não queriam ir com ela. Ela teve de apertar seus dedinhos. Ela os machucou, e eles choraram.

– Vamos – disse, puxando-os. – Vocês também querem morrer? Querem *mesmo*?

Os corpos das Ellens estavam no seu caminho. Eles eram pequenos demais para passar por cima e tiveram de engatinhar, enroscando-se nos aventais ensanguentados das babás, tropeçando

em seus fantasmas. Não podiam ver os fantasmas, é claro. Só Minya podia, e ela não queria ver.

Os outros não se lembravam. Eram tão pequenos. Aquele dia manchado de gritaria estava esquecido para eles, e tinham sorte por isso. Minya jamais esqueceria. Outros pensamentos poderiam passar na frente, obscurecendo-o por um tempo, mas sempre que desapareciam ou seguiam em frente, lá estava, tão vívido quanto o dia em que tudo aconteceu.

Em quinze anos desde o Massacre, Minya nunca mais vira outro cadáver. Agora, no berçário de sua memória, entre os corpos das Ellens, também via Sarai. Estava rosada e azul e quebrada, cor de canela e vermelha, e quando se aproximou, seus olhos se abriram.

- Monstro - sibilou. A palavra ecoou.
- Monstro - o cadáver de Grande Ellen disse.
- Monstro - concordou Pequena Ellen.

E os gritos dos bebês se transformaram em palavras, e todos gritaram:

- Monstro.

7

APARIÇÃO

Lá fora, no jardim, Lazlo consertava a parede que havia derramado sobre os fantasmas de Minya. As armas que estavam presas se soltaram e o mesarthium fluiu para cima, retornando ao peito liso do serafim, devolvendo suas clavículas elegantes e pescoço. Levou apenas um instante. Virou-se para Sarai e maravilhou-se ao vê-la ao sol – seu cabelo tinha tons de especiarias e formavam ricas ondulações nos ombros azuis, seu rosto ostentava bochechas proeminentes e lábios macios e generosos, terminando como um coração em um queixo pontudo. Sua testa estava enrugada de preocupação, os olhos pesados com uma determinação relutante.

– Você tem de ir – disse, lúgubre.

Ele pensou ter ouvido errado.

– O quê?

– Você deveria saber, Lazlo. Você tem de ir para que ela não consiga te usar.

Era a última coisa que ela desejava lhe dizer. Ele estava *ali*. Ela só